

**“POLÍTICAS PÚBLICAS, GÊNERO E TRABALHO
II SEMINÁRIO NACIONAL DE
TRABALHO E GÊNERO”**

MEMÓRIA, TRABALHO E GÊNERO

**VIVÊNCIAS, REPRESENTAÇÕES E INTERPRETAÇÕES:
AS PESCADORAS DA BAÍA DO IGUAPE – BAHIA**

Jeruza Jesus do Rosário¹
jeruzarosario@gmail.com

¹ Mestranda em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia-
UNEB/Campus V.

-Resumo

Este artigo traz o cotidiano da mulher pescadora na reserva extrativista (RESEX) marinha Baía do Iguape/Bahia localizada no Recôncavo Sul Baiano. Neste, tomo o exemplo da mulher pescadora e a sua inserção nesta atividade sem o devido reconhecimento de seu trabalho e da definição de seus direitos. Na busca pela sobrevivência, estas mulheres adaptaram-se às exigências e regras da lógica do capital, o que resulta na atual luta pela valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. A mulher pescadora vivencia um momento histórico de tentativa de saída da invisibilidade, colocando em discussão a importância de seu trabalho, da legitimidade e conquista de seus direitos. O cotidiano das pescadoras constitui uma história de resistência e de busca de uma vida melhor para as localidades em que vivem. Trago a verificação de exemplos de pessoas ativas participantes do processo de produção e reprodução social que, ao longo da história, para sobreviverem, adequaram-se à necessidade de negociar com situações adversas na necessidade da busca do sustento, o que podemos constatar pela saída à luta, o que se reverbera na produção e representação de seu espaço de trabalho e deste espaço como mediador na transmissão de conhecimentos.

-Palavras Chaves

Pescadoras – Vivências – Espaço

- Introdução

Esta artigo traz o cotidiano da mulher pescadora na reserva extrativista (RESEX) marinha Baía do Iguape/Bahia localizada no Recôncavo Sul Baiano a partir de minhas pesquisas iniciadas em Março/2007. A reserva está localizada em pleno rio Paraguaçu justamente onde este rio deixa de correr margeado por montanhas, após passar pelas cidades de Cachoeira e São Félix antes de encontrar a sua foz na Baía de Todos os Santos. Em torno da Baía do Iguape esta localizado a sede do município de Maragogipe e as vilas, Santiago do Iguape, São Roque do Paraguaçu e Nagé.

A Baía do Iguape possui aproximadamente 42.000 habitantes que vivem, basicamente, da pesca artesanal, agricultura do fumo e pequenas agriculturas familiares. Quanto à atividade da pesca, registra-se a existência da Colônia de Pescadores de Maragogipe onde são associados cerca de 3.500 pescadores, entre homens e mulheres, sendo mais de 50% do corpo de associados composto por mulheres.



Baía do Iguape - Bahia, 2005.

Ao longo das décadas de 60, 70 e 80 do século XX, o levante das mulheres em luta pela igualdade de direitos evidenciou que medidas de desenvolvimento tradicionais baseadas no capitalismo não consideravam o trabalho realizado nem as formas de vida das mulheres e que o modelo de país desenvolvido perseguido pelas nações não se preocupava com condições de justiça e de equidade entre homens e mulheres.

Neste artigo, tomo o exemplo da mulher pescadora e a sua inserção nesta atividade sem o devido reconhecimento de seu trabalho e da definição de seus direitos. Na busca pela sobrevivência, estas mulheres adaptaram-se às exigências e regras da lógica do capital, o que resulta na atual luta pela valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. A mulher pescadora vivencia um momento histórico de tentativa de saída da

invisibilidade, colocando em discussão a importância de seu trabalho, da legitimidade e conquista de seus direitos e da necessidade de valorização da mulher trabalhadora do manguezal. O cotidiano das pescadoras constitui uma história de resistência e de busca de uma vida melhor para as localidades em que vivem.

De maneira geral, grande parte das tarefas das mulheres está ligada ao cuidar de outras pessoas, da casa, da alimentação, da limpeza, das crianças, de pessoas doentes ou idosas. Isto acontece por conta de que as mulheres ainda são responsáveis por todo o trabalho chamado “doméstico”, tarefas reconhecidamente “de mulher”, que acabam naturalizando o fato de que os homens não as executem. Vale lembrar que a mulher ao executar o mesmo trabalho realizado por um homem, em muitos casos, ainda é visto como ajuda, ainda que, atualmente, grande e crescente número de famílias sejam sustentadas por mulheres.

No caso específico das mulheres pescadoras da Baía do Iguape, tem-se exemplos de pessoas ativas participantes do processo de produção e reprodução social que, ao longo da história, para sobreviverem, adequaram-se à necessidade de negociar com situações adversas na necessidade da busca do sustento, o que podemos constatar na história da evolução da causa feminista.

A saída à luta vem da necessidade de transformação dos sistemas sócio-econômicos patriarcais nos quais a dominação masculina das mulheres faz-se sentir-se como a base de muitas das mazelas sociais. Conforme o Ecofeminismo², temos as mulheres, assim como a natureza, submetidas à inferiorização e relacionadas uma com a outra, desenvolvendo um sistema de dominação econômica e legal das mulheres, da terra e dos animais, que são justificados e feitos de modo a parecerem naturais e irremediáveis dentro de uma cosmovisão patriarcal total.

As mulheres, historicamente, vêm demonstrando como construir relações de maior solidariedade, mobilização coletiva e modos de como organizar resistências. Na Baía do Iguape, bastante significativa é a participação das mulheres nas reuniões da colônia de pescadores; no início de minhas pesquisas na localidade, presenciei o acontecimento de reuniões com o IBAMA, órgão co-gestor da Resex, onde a frequência feminina e o número de mulheres que se habilitavam à formação do conselho deliberativo para a implantação da reserva extrativista era imensamente maior à dos homens.

- Espaço de Vivências e de Trabalho

A mulher pescadora, pelo seu próprio trabalho em contato com a natureza, permite trazer para esta pesquisa a necessidade do aprofundamento da idéia de como esta natureza é percebida por ela em seu cotidiano. Poder trabalhar com o sentido de idéia, sensação e percepção³ faz-se aqui fundamental a partir da consciência de sentido e valor da experiência vivida, tanto física quanto memorial, o que se torna possível pela abordagem cultural na Geografia, pois se consegue focar o espaço e suas representações, agregando o social e o cultural através do mundo vivido.

Em Milton Santos⁴, temos que o espaço é o terreno onde se constroem as relações sociais de trabalho, onde repousam os objetos naturais e materiais. É preciso que vejamos o espaço como um sistema de objetos e ao mesmo tempo como um sistema de ações: o espaço é dinâmico, pois pressupõe o empreendimento de ações humanas na sua configuração. Partindo

² RUETHER. Rosemary R. Gaia and God: na Ecofeminist Theology of Earth Healing. San Francisco, CA. Harper San Francisco, 1992. P. 11.

³ MARIANO NETO, Belarmino, Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora. da UFPB, 2001. P. 41.

⁴ SANTOS. Milton. Pensando o espaço do homem. 1997. P. 28.

disto, chamo atenção aos exemplos de propostas mais globais de desenvolvimento, plataformas de ação e posições que reflitam uma perspectiva mais humanitária de progresso e de condições mais dignas, o que vem acontecendo por parte das mulheres na atualidade, com vistas à não negligenciar determinados grupos. Vivenciamos uma sociedade onde os modos de produção, respaldados pela exploração das classes trabalhadoras, alimentam-se das desigualdades de gênero, raça e etnia, perfazendo um sistema único de dominação, ao contrário do ideal social baseado em políticas de distribuição de riquezas e do trabalho, que acredito só ser possível com a formação de cidadãos autônomos capazes de escolher, agir e transformar a realidade trazendo a possibilidade de uma mudança estrutural e organizacional da sociedade. Assiste-se hoje a diversas tendências e debates no Brasil e no mundo que, de um lado, afirmam a diversidade feminina com as suas várias possibilidades de participação e construção social e propõem uma abordagem específica para a crise ambiental, destacando a conexão especial das mulheres com a natureza, e de outro, criticam a referência a essa conexão como um possível reforço à exclusão das mulheres em repetição ao processo que se arrasta até hoje. As narrativas das pescadoras utilizadas para esta pesquisa têm servido-me de ponto de partida para interpretação de fenômenos sociais, acontecimentos históricos e compreensão do modo como se dá a produção dos espaços, ao passo em que consigo me aprofundar um pouco mais na “experiência” através da qual o indivíduo, neste caso a mulher pescadora, constrói a sua vida interior e se capacita, a partir do amadurecimento e reflexão, a interpretar e a reafirmar-se, a cada dia, como exemplos de indivíduos ativos do processo social no cotidiano da Baía do Iguape.

Para ilustrar esta pescadora, trago a figura de D. Regina⁵ que, muitas outras mulheres lançaram-se na pesca, pois, sem escolha, teriam que alimentar seus filhos, suas famílias de alguma forma; disto, desenvolveu-se a forma de trabalho pesqueiro feminino e, conseqüentemente, espaço para a construção de alternativas de luta já que, cada vez mais, um contingente cada vez maior de mulheres constituem um grupo que cresce em busca de direitos igualitários, socialmente justos, onde a cultura vai se delineando.

O trabalho das pescadoras é uma atividade reconhecidamente masculina, em contrapartida, milhares de mulheres, como as pescadoras da Baía do Iguape, sustentam famílias inteiras com o seu trabalho. Estas mulheres experimentam no dia a dia o contato direto com o manguezal de onde retiram seu sustento e de seus familiares, o que a faz sentir bem de perto a importância da natureza representada pela terra, a água e os animais, fazendo-a perceber-se dentro do complexo relacional humanidade - ambiente.⁶ Este espaço da mulher pescadora não é vivenciado nem percebido do mesmo modo pelos diversos grupos sociais: renda, sexo, idade, as práticas espaciais associadas ao trabalho, crenças, mitos, valores e utopias. A percepção do ambiente tem uma base eminentemente cultural.

As narrativas captadas pelas conversas com as mulheres pescadoras resultam de suas vivências e nos chegam em forma das entrevistas realizadas. Conforme Ribeiro⁷, podemos encarar estas entrevistas como o “testemunho do esforço de criação individual, dos condicionamentos sociais, das dimensões culturais, das condições econômicas, dos conflitos éticos e das contradições políticas, que configuram o espaço”.

A pescadora Roquelina⁸ afirma que uma mulher pescadora é extremamente preparada para conduzir a vida doméstica, tendo em vista a labuta diária em administrar as dificuldades

⁵ Regina Célia dos Santos, 57 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

⁶ CARVALHIO, Wilson Sérgio de Carvalho. Raízes da Ecologia Social. P. 31.

⁷ RIBEIRO, Luis Felipe. Geometrias do Imaginário. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000. P.1.

⁸ Entrevista com a pescadora Roquelina Souza de Almeida em 06/07/2007.

diárias e a vida no manguezal; percebo que é uma simbiose entre a vida dentro de casa que acaba refletindo o zelo com que trata o manguezal; é como se este e a família representassem fontes de vida que têm impossível dissociação entre si. Nas palavras de Roquelina, há o convite à leitura e compreensão a partir da possibilidade de percebermos um grande emaranhando de signos, o que indica consciência de uma totalidade maior, o que enriquece e muito a forma de podermos apreender um pouco do modo como se dá o desenrolar da vida de pescadora na Baía do Iguape.

Segundo Ratzel⁹, o homem estabelece com a natureza uma relação intermediada pelo esforço de seu trabalho e de suas ordenações sociais e por este esforço de seu trabalho, conquista uma determinada autonomia que não é outra coisa, se não, a revelação de atributos naturais da dinâmica humana. Para Ratzel, o homem não deve ser visto apenas como integrante da natureza, mas também, como integrante e resultado de sua dinâmica evolutiva, perfazendo uma unidade complexa. Seguem suas palavras: “foi a partir dela que ele se constituiu, e não sem que a natureza gravasse em seu ser e da forma mais múltipla o próprio sinal”. Ainda sobre a unidade complexa entre os integrantes do sistema Terra, vejo interessante o que Ratzel afirma:

“o progresso da civilização não consiste em outra coisa que não seja uma maior libertação, das pessoas, das condições naturais do território; contrariamente a isso, nós podemos afirmar que a diferença entre povos primitivos e civilizados não reside no grau, mas sim, no tipo de vínculo existente entre o homem e a natureza. A civilização é independente da natureza não no sentido de um completo afastamento, mas sim, no sentido do estabelecimento de vínculos mais diversos, mais vastos e menos imperiosos.”¹⁰

Em conversas com as pescadoras, além de minhas reflexões sobre o que ouvi, pude entrar em contato com a percepção que estas mulheres têm de si e de seu espaço de vida e de trabalho: se reconhecem, identificam problemas e potencialidades, o que possibilita uma análise da realidade natural, cultural e social referenciadas nas práticas cotidianas das pescadoras e de pessoas ligadas à sua vida diária.

Adentrando nestas práticas cotidianas da mulher pescadora da Baía do Iguape, é conveniente trazer alguns pontos abordados na conversa com D. Edna¹¹; 56 anos, pescadora desde os 8, também ex-funcionária da Suerdieck, chamada de “máquina” pelas colegas de profissão na pesca por conta de ser considerada uma pescadora muito ágil e rápida. Relata que muitas vezes, sem ter com o que alimentar sua família, teve que contar com a solidariedade dos vizinhos até que conseguisse vender o marisco. Ela conta que no dia-a-dia da pesca, as dificuldades sempre foram grandes, principalmente, na época em que seus filhos eram pequenos, mas que mesmo assim, nunca se deixou tomar pela aflição e pela tristeza; chama atenção de que na realização de seu trabalho, sempre está em alegria mesmo com a consciência de que a sua profissão, apesar de ser motivo de orgulho, não é valorizada.

Percebo que a vida das pescadoras vai se desenhando a partir, além de seu contato íntimo e de respeito pela natureza, pelo espaço de vida e de trabalho que vai sendo construído a partir de

⁹ RATZEL, F. Geografia Dell’Uomo (Antropogeografia). Turim. Fratelli Bocca, 1914. In: CARVALHO. Marcos Bernardino de. Geografia e Complexidade. P. 6.

¹⁰ RATZEL, F. Geografia Dell’Uomo (Antropogeografia). Turim. Fratelli Bocca, 1914. In: CARVALHO. Marcos Bernardino de. Geografia e Complexidade. P. 7.

¹¹ Entrevista com a pescadora Edna da Conceição dos Santos em 05/07/2007.

seus sentimentos pelo lugar e pelas socialidades criadas com as pessoas de seu convívio, socialidades estas que se fazem maiores a partir da maior proximidade entre estas pessoas. Face isto, cria-se a solidariedade, os laços culturais e, desse modo, a identidade. Percebo que as convivências no espaço são motivadas pela afetividade, o que se leva à idéia da percepção global, “holista” do mundo e dos homens a partir de trocas simbólicas e de relações que se acumulam nas práticas cotidianas.¹²

Nas entrevistas com as pescadoras, percebo o quão atentas são às mazelas do mundo e o modo simples e eficaz com que estas mulheres refletem sobre esta realidade, o que encontra explicação no pensamento de Lefebvre quando este diz que “... a práxis se revela também como totalidade”¹³ e por isso “a análise da vida cotidiana envolve concepções e apreciações na escala da experiência social em geral.”¹⁴, o que inclui, paralelamente “uma apropriação profunda e uma compreensão imediata”¹⁵.

- A Representação do Espaço de Trabalho

Nas entrevistas com as pescadoras, procurei investigar sobre a forma como se dá o seu espaço, os dramas diários enfrentados, o modo de morar, de cuidar da casa, de se alimentar, o trato com a família, e pude perceber a unidade constituída entre o espaço do lar e o manguezal, de onde a mulher retira o seu sustento. Tenho claro que o espaço onde ela cuida e mantém sua família, a sua casa, não se separa do espaço onde realiza a sua pesca: sua casa vai da porta até o quintal com extensão ao mangue.

A pescadora busca um futuro sonhado de uma vida melhor, que envolve a satisfação de carências materiais, imateriais, políticas e de cidadania e para isso, elabora novas formas no intuito de burlar as dificuldades diárias face ao seu potencial. Temos com Furlan que o espaço é um produto das ações e relações humanas, uma construção histórica do homem, à medida que esse se organiza culturalmente e socialmente¹⁶.

O lugar vivido participa ativamente do processo intelectual das pessoas que com ele comungam; novamente, trazendo a contribuição repleta de sensibilidade de Milton Santos, “as interpretações geográficas, partem do princípio de que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender o espaço, assim como de avaliá-lo.”¹⁷; estas pessoas extraem de seus lugares o que não é ensinado formalmente e a partir daí vão constituindo o seu conhecimento e a identidade, a representação do espaço em que vivem.

Vejo, também, como oportuno trazer, pelo prisma da Geografia Humanística, a topofilia como sendo “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”¹⁸, onde a memória cultural e a inteligência emocional se fundem na construção do conviver com o manguezal. Nos aspectos culturais é que podemos perceber a maneira como o indivíduo e o grupo se comunicam com o mundo, o que se perfaz como uma herança e o evidenciar das relações profundas entre o homem e seu meio. Os modos de viver têm suas raízes na terra em que se vive, traz o homem e seu entorno, materializa a vontade de enfrentar o futuro e suas intempéries sem romper com o lugar e, dali, extrair a continuidade do viver.

¹² SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. 1977

¹³ LE FEBVRE. H 1958. P. 238. In: O Lugar e o Cotidiano – Introdução do livro “A Natureza do Espaço”.

¹⁴ LE FEBVRE. H 1971. P. 28. In: O Lugar e o Cotidiano – Introdução do livro “A Natureza do Espaço”.

¹⁵ SARTRE. 1962. P. 207.

¹⁶ FURLAN. 2000. In: SALDANHA. Iaskara Regina Ribeiro. Espaços, Recursos e Conhecimento Tradicional. P. 45.

¹⁷ SANTOS, 1986. P. ?.

¹⁸ TUAN. Yu-Fu. Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio Ambiente. In: MARIANO NETO. MARIANO NETO, Belarmino, Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora. da UFPB, 2001.

Natureza e cultura estão colocadas tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento, sua vida e as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber, se apóiam na realidade natural. A entrevista com Roquelina¹⁹, pescadora desde os 10 anos e atual presidente da colônia de pescadores, suscitou possibilidades de verificar como a luta pela sobrevivência constante na vida de pescadora representa dignidade e a afirmação permanente do seu papel de cidadã. É nesta realidade que se constituem ambientes onde os indivíduos são ativos destes processos naturais. Roquelina tem muito clara a consciência de que o seu papel dentro de sua família como mãe representa o fio condutor da estrutura familiar que ela propõe para seus filhos e seu companheiro; ela afirma que uma mulher pescadora é extremamente preparada para conduzir a vida doméstica, tendo em vista a labuta diária em administrar as dificuldades diárias e a vida no manguezal; percebo que é uma simbiose entre a vida dentro de casa que acaba se refletindo no zelo com que trata o manguezal; é como se este e a família representassem fontes de vida que têm impossível dissociação entre si.

Trago para este artigo as contribuições do Ecofeminismo²⁰, tendo em vista que sugere o reconhecimento de que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto da cultura, podemos, conscientemente, escolher a aceitação da conexão mulher-natureza participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da doação da vida traz resquícios profundos para a ecologia e para as mulheres. As tensões entre a humanidade e meio ambiente evidenciadas pelo ideal de progresso e pelas práticas cotidianas a ele associadas, avançam de forma dissonante com a natureza.

O fato das mulheres serem doadoras da vida, serem elas que alimentam e nas quais crescem as sementes da vida, denuncia uma conexão profunda e positiva entre a mulher e a natureza. As mulheres são as principais recolhedoras de alimento, as inventoras da agricultura²¹, valendo atentar em não deixar passar despercebida a misteriosa sintonia de seus corpos com os ciclos da lua e as marés do mar.

Mais uma vez, em conversa com Roquelina, muito interessante foi o momento em que esta conta, em tom de alívio, que acreditava que a sua filha mais nova “não sabia fazer nada de pesca” e, de repente, descobre que sabia “cavar mapé”. Diante disto, vejo o quão importante é a passagem dos saberes e a possibilidade de dar continuidade ao ofício pesqueiro a partir de seus filhos sem estes terem que, necessariamente, buscar novas alternativas; estes saberes simbolizam o fluir da vida que acontece mesmo diante das dificuldades e oferecem resistência aos tentáculos das tentativas de vida melhor em outros lugares distante da vida de pescadora.

Essas mulheres estão buscando construir seus próprios rumos e saídas para garantir uma vida melhor para as atuais e futuras gerações. O comportamento que expressa a valorização de si próprias e a afetividade pelo espaço em que vivem, traz os modos de viver e de existir destas mulheres em consonância com o meio ambiente e sua complexidade. Esta cultura prediz um desenvolvimento íntimo de negociação e produção com o mundo em paralelo com o materialismo a partir da realidade produzida pelas pessoas; os indivíduos produzem cultura enquanto produzem a si próprias a partir das várias maneiras de viver, amar, escrever, festejar, enfim, registrar, conscientemente ou não, a sua existência no mundo. As pescadoras se reconhecem como agentes construtores e modificadores de seu espaço na cultura que se desenha. Nas pescadoras, vejo que a percepção do ambiente tem fortes raízes culturais, o que

¹⁹ Pescadora Roquelina Souza de Almeida em 06/07/2007.

²⁰ King, Ynestra. *The Ecology of Feminism and the Feminism of Ecology*. In: DI CIOMMO, Regina Célia. *Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade*. Rev. Estudos Fememnistas, jul./dez. 2003, vol.11, no.2, p.423-443.

²¹ RUETHER. *Ecofeminismo: mulheres do primeiro e terceiro mundos*. P. 14.

possibilita uma melhor compreensão do tempo x espaço, levando em conta as vidas que experimentaram/experimentam na rotina na pesca e que são tão vítimas como agentes de suas histórias pois se apropriam e transformam o espaço aos seus modos.

Mais uma vez em referência à entrevista com a pescadora Roquelina, esta recorda a discriminação sofrida pelo fato de ser pescadora: conta que muitas pescadoras se envergonham quando estão sujas de lama, ou seja, não “chegam perto das visitas quando tão fumegando a peixe”. Ela conta que jamais teve problemas quanto a isso pois tem em mente que é uma cidadã que está ali lutando pela sua sobrevivência e dos seus.

É interessante verificar como nas palavras das pescadoras podemos perceber os processos sócio-históricos de construção de suas identidades: seus corpos e sua conduta social. A nova forma como a mulher se põe diante de seu mundo, no exercício de sua lucidez, mostra que avanços significativos vêm sendo tomados e implementados rumo à desestabilização de direitos e deveres, antes inabaláveis, da sociedade machista que ainda se contorce frente à intensa modificação nas regras sociais. A mulher pescadora, a cada dia, toma ciência de sua importância na sociedade como mulher, cidadã e produtora responsável pelo seu espaço social, pela sua interação com o ambiente efetivada de modo sustentável e responsável, no momento em que desenvolvem lógicas próprias mais críticas e apropriadas à promoção de um novo relacionamento entre humanidade e natureza baseadas nos princípios comunitários, na alteridade e em ações contrárias à transformação do indivíduo no “ser apenas mais um”, ao desperdício, a partir da capacidade que possui de conciliar e compreender tão representado pela sua conduta que nutre o que está ao seu redor. O homem, de modo geral, para que possa sobreviver, caminha num processo de despertar para a necessidade de novas adaptações bio-sócio-culturais que respondam a uma nova prática de equilíbrio homem/meio/homem, rumos à consciência da universalidade que traz a sua existência singular.

- O Espaço de Trabalho como Mediador na Transmissão de Conhecimentos

As reflexões nesta pesquisa são norteadas pela consideração dos sentimentos e das idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência vivida, propondo entender os motivos da relação com o lugar, uma Geografia do lugar. A relevância é estabelecida à medida que as referências culturais determinam as ações da sociedade sobre a natureza. D. Edna²², conta que jamais sai para buscar o seu marisco sem oferecer um charuto ou um pouco de fumo para a Vovó do Mangue, lenda famosa na Baía do Iguape sobre uma velha senhora que, segundo a história contada, toma conta do mangue e o protege. D. Edna faz a seguinte análise: “se eu tiro de onde não botei, eu tenho que cuidar e pedir licença”. Vejo como uma tarefa, no mínimo difícil, de ser executada, conseguir exprimir em palavras o sentimento que estas mulheres têm pelos seus lugares de vida, tendo em vista que estes lugares em que se ganha a vida estão repletos de reminiscências, ao que atribuo à afetividade das pescadoras e das tantas outras pessoas com as quais tive contato ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, somada à existência de simbologias como a lenda da Vovó do Mangue e do Caipora.

“O imaginário, pode ser tido como fonte atuante da idéia e da representação mental da imagem”²³, ou seja, informações que se compõem individual e coletivamente, materializando-se em ações informadas por imagens e símbolos, “mediação essencial entre o mundo interior

²² Pescadora Edna da Conceição dos Santos em 06/07/2007.

²³ MARIANO NETO, Belarmino, Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora. da UFPB, 2001. P. 56.

e exterior, entre o real e o imaginário, supondo-se utilização de símbolos, signos e alegorias”²⁴.

Ressalta-se aqui a necessidade de sensibilidade para ler o espaço, já que a mulher pescadora tem no seu cotidiano o desenvolvimento de espaços legíveis que expressam a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica, ou seja, neste caso da Vovó do Mangue, a lenda funciona como um instrumento de defesa do próprio manguezal e de sua sobrevivência, levando em conta o senso de preservação e da natureza como a própria vida, além de personagem do imaginário da população da Baía do Iguape.

O cotidiano das pescadoras, reafirmo, constitui uma história de resistência e de busca de uma vida melhor para as localidades em que vivem. As histórias que se fazem perceber a partir das pescadoras ouvidas, se expressa nas lembranças e no conhecimento que possuem sobre a pesca no manguezal repassado de geração em geração. A partir de Harvey, quando este alerta para a tendência em encarar o espaço como “atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido”²⁵, julgo necessário que o acompanhamento da trajetória espacial da porção onde se descortina o cotidiano da mulher pescadora: deixar o espaço aparecer como fruto das realidades experimentadas na vida pelas pessoas envolvidas e descobrir a forma como esta mulher pensa o seu espaço já que este é fruto do que se vive. Como matriz cultural, o espaço da mulher pescadora da Baía do Iguape, a sua casa, o manguezal, o modo como se comporta durante a pesca, através de muitos de seus elementos, serve como mediação na transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos, contribuindo para transferir de uma geração a outra, o saber, crenças, sonhos e atitudes sócias; o espaço de trabalho exerce papel fundamental na produção do homem.

- Considerações Finais

Como geógrafa, vejo por bem lembrar que nas ciências em geral, as temáticas envolvendo o cotidiano, o microssocial e os grupos sociais marginalizados do poder foram consideradas questões de menor importância, principalmente na análise do espaço geográfico. A Geografia, tratada como ciência social somente a partir dos anos 50 do século XX, durante muito tempo foi produzida de maneira acentuadamente economicista, negligenciando a valorização da relação entre homem e natureza.

No desenvolvimento desta pesquisa, utilizo-me do pensamento da geografia cultural que elabora uma série de críticas às abordagens até então construídas, colocando em dúvida e problematizando as noções de progresso, desenvolvimento e evolução, termos tão recorrentes na atualidade.

As narrativas das pescadoras utilizadas para esta pesquisa têm servido-me de ponto de partida para interpretação de fenômenos sociais, acontecimentos históricos e compreensão do modo como se dá a produção dos espaços, ao passo em que consigo me aprofundar um pouco mais na “experiência” através da qual o indivíduo, neste caso a mulher pescadora, constrói a sua vida interior e se capacita, a partir do amadurecimento e reflexão, a interpretar e a reafirmar-se, a cada dia, como exemplos de indivíduos ativos do processo social no cotidiano da Baía do Iguape.

²⁴ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

²⁵ HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993. P. 188.

É importante a formulação de novos modos de produção de conhecimento que prestigiem a reflexão e análise de forma crítica do quanto se faz complexa a relação entre seres humanos e seu ambiente necessitados da contribuição das diferentes áreas de conhecimento.

Os modos de viver têm suas raízes na terra em que se vive, traz o homem e seu entorno, materializa a vontade de enfrentar o futuro e suas intempéries sem romper com o lugar e, dali, extrair a continuidade do viver.

É necessário aos estudiosos ampliarem a sua contribuição para a compreensão da sociedade através das diversas facetas da cultura, que se fazem muitas, em suas dimensões espaciais, a exemplo da cultura popular em suas múltiplas manifestações e variação espacial, buscando o que é banalizado ou despercebido por olhos menos atentos, ou seja, encontrar pistas de fatos que estejam fugindo à regra do que se pensa comumente para conseguir atingir o heterogêneo, o que se tenta fazer acerca deste estudo do cotidiano e meio ambiente das pescadoras da Baía do Iguape. O desenvolvimento humano correlacionado à natureza e ao imaginário prediz um consenso que promovem os novos paradigmas científicos; a incorporação do simbólico e do imaginário como instrumentos importantes na busca do conhecimento atrelados à natureza e à construção humana, nos colocamos no caminho de abertura de horizontes com vistas à leitura de fenômenos naturais e humanos.

Lembrar de perceber as peculiaridades, ou seja, não enxergar somente em único plano, pois toda a produção existente serve e muito, mas novos olhares são necessários para a diversidade do mundo. Interpretar os fenômenos da vida social, neste tipo de abordagem, é compreender a “experiência” através da qual o indivíduo, neste caso a mulher pescadora, constrói a sua vida interior e se capacita a interpretar a de outrem na descoberta dos significados, na interpretação do sentido interno e subjetivo das estruturas culturais que se espraiam nas vivências na Baía do Iguape.

-Referências

Orais:

Edna da Conceição dos Santos, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Regina Célia dos Santos, 57 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Roquelina Souza de Almeida, 43 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 06/07/2007.

Bibliográficas:

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 1991

DI CIOMMO, Regina Célia. **Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade**. Rev. Estudos Feministas, jul./dez. 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993. P. 188.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário – memória cultural, natureza e submundialização**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

RUETHER, Rosemary Radford. **Gaia & God. An Ecofeminist Theology of Earth Healing**. USA: Harper San Francisco, 1992.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Hucitec, 1997.